

LARS KEPLER

O EXECUTOR

Tradução de Ulla Baginha,
revista por Henrique Tavares e Castro

Um barco à deriva na baía Jungfrufjärden

A proa corta a superfície lisa como se fosse uma faca, produzindo um som dilacerante. Navegam a alta velocidade formando ondas que chegam a terra. Rasgam as ondas, a quilha ressalta ruidosamente, a água levanta-se em jorros à volta do barco. Penélope conduz o barco para a baía com os motores a trabalhar na potência máxima. A proa ergue-se e a espuma branca das águas separa-se atrás da popa.

– Estás louca, rapariga – grita Viola e tira o gancho do cabelo, tal como costumava fazer em criança assim que terminavam de penteá-la.

Björn acorda quando fazem uma paragem na ilha de Gåsö. Compram gelados e bebem uma chávena de café. Viola quer jogar minigolfe no pequeno campo de golfe, e já é tarde avançada quando prosseguem viagem.

A bombordo, toda a baía se estende como um gigantesco chão empedrado.

O plano é atracarem em Kastskär, uma ilha desabitada em forma de ampulheta. No lado sul há uma frondosa enseada onde poderão ancorar o barco, nadar, fazer um churrasco e pernoitar.

– Vou descer até ao camarote a descansar um pouco – diz Viola com um bocejo.

– Vai lá, então – responde Penélope com um sorriso.

Viola desce a escada e Penélope concentra-se na condução. Reduz a velocidade e mantém debaixo de olho a sonda electrónica, atenta aos

bancos de areia à medida que se vão aproximando de Kastskär. A profundidade diminui repentinamente, dos quarenta para os cinco metros.

Björn entra na cabine do leme e beija a nuca de Penélope.

– Queres que comece a cozinhar? – pergunta-lhe.

– A Viola ainda precisa de dormir mais um pouco.

– Agora pareces a tua mãe a falar – diz ele com voz meiga. – Ela já te telefonou?

– Já.

– Para comprovar se sempre deixámos a Viola vir?

– Sim.

– Discutiram?

Penélope nega com um gesto de cabeça.

– O que tens? Estás triste?

– Não, é só que a minha mãe...

– O quê?

Penélope limpa as lágrimas das faces, sorrindo.

– Não me quer lá na festa do Solstício – explica.

Björn abraça-a.

– Não devias ligar ao que ela diz.

– E não ligo.

Penélope manobra o barco muito, muito devagar em direcção ao interior da enseada. Os motores trabalham suavemente. Já se encontram tão perto da costa que ela consegue sentir o cheiro da vegetação da ilha.

Lançam a âncora, soltam a corda e aproximam-se pelo meio das rochas. Björn salta para terra com a corda e ata-a à volta do tronco de uma árvore na encosta íngreme.

O chão está coberto de musgo. Ele permanece ali a olhar para Penélope. Alguns pássaros mexem-se nas copas das árvores quando o cabrestante faz barulho.

Penélope veste uns calções e uns ténis brancos, salta para terra e agarra a mão estendida de Björn. Ele rodeia-lhe o corpo com os braços.

– Vamos dar uma vista de olhos à ilha?

– Não tinhas de me convencer de alguma coisa? – pergunta ela num tom provocador.

– Das vantagens do direito ao livre acesso – diz ele.

Ela assente com um sorriso enquanto ele lhe afasta o cabelo da cara e lhe acaricia a maçã do rosto e a sobrançelha espessa e negra.

– Como podes ser tão bela?

Por fim, dá-lhe um beijo leve nos lábios e de seguida começam a andar em direcção ao bosque de árvores baixas.

No meio da ilha há uma clareira com grandes tufos de erva. Borboletas e pequenos abelhões esvoaçam por cima das flores do campo. Está calor ao sol, vê-se a água brilhante entre as árvores do lado norte. Mantêm-se de pé, quietos, hesitantes; olham-se com um sorriso para logo ficarem sérios.

– E se aparece alguém?

– Somos os únicos nesta ilha; não há mais ninguém.

– Tens a certeza?

– Quantas ilhas e ilhéus há no arquipélago de Estocolmo? Trinta mil? Mais até, de certeza – diz ele.

Penélope tira a parte de cima do biquíni, descalça os ténis e baixa as cuecas do biquíni juntamente com os calções, ficando nua no meio da relva. A sua primeira sensação de embaraço é quase de imediato substituída por outra de pura alegria. Há algo de muito excitante na brisa do mar na sua pele, no calor que ainda emana do chão.

Björn observa-a, sussurrando que não é machista, mas que tem de a estudar detidamente. Ela é alta, os seus braços são musculosos e macios. A cintura fina e as coxas fortes fazem com que se pareça com uma antiga deusa traquinas.

Björn sente as mãos a tremer ao tirar a *T-shirt* e os compridos calções de banho às flores. É mais novo do que ela, o seu corpo é juvenil, quase imberbe, e tem os ombros queimados do sol.

– Agora é a minha vez de olhar para ti – diz ela.

Ele sente-se corar e aproxima-se dela com um grande sorriso.

– Não me deixas ver?

Ele nega com a cabeça e esconde a cara no meio do pescoço e do cabelo dela.

Começam a beijar-se, sem se mexer, apenas com os corpos muito juntos enquanto as suas bocas se encontram. Penélope sente a língua quente de Bjorn na boca e uma sensação de extrema felicidade percorre-lhe o corpo; faz um esforço para deixar de sorrir e apenas se entregar ao beijo. Os dois respiram com mais intensidade. Ela sente como Björn começa a ter erecção, como o seu coração bate com mais força. Deitam-se na relva, impacientes. A boca dele procura os seios dela, os mamilos

castanhos, beija-lhe a barriga e abre-lhe as coxas. Quando a olha pensa que é como se os seus corpos emanassem luz própria sob o sol do entardecer. Tudo é de súbito extremamente íntimo e sensível. Ela já está húmida e inchada quando ele começa a lambê-la, suave e demoradamente; passado um pouco, ela afasta-lhe a cabeça. Aperta as coxas, sorri-lhe e enrubesce; sussurra-lhe que se ponha em cima dela, puxa-o para si, guia-o com a mão e deixa-o deslizar para dentro de si. Ele respira pesadamente junto ao seu ouvido e ela fixa o olhar no céu rosado por cima deles.

Um pouco mais tarde, Penélope levanta-se, espreguiça-se, dá uns passos e olha em direcção às árvores.

– O que é? – pergunta Björn com voz turva.

Ela volta-se para ele, que continua sentado nu no chão, a sorrir-lhe.

– Queimaste os ombros.

– Como todos os verões.

Ele afaga ao de leve a pele vermelha nos ombros.

– Vamos voltar, estou com fome – diz ela.

– Gostava de dar umas braçadas na água.

Ela volta a vestir as cuecas e os calções, calça-se e fica de pé com a parte de cima do biquíni na mão. Percorre com o olhar o peito liso de Björn, os músculos dos braços, a tatuagem na omoplata, o bronze pouco cuidado até encontrar os seus claros olhos brincalhões.

– Da próxima vez ficas tu por baixo – sorri ela.

– Da próxima vez... – repete ele a rir-se. – Já sabia que ias gostar.

Penélope ri-se enquanto faz um gesto de negação com o dedo. Ele deita-se de costas e, com uma expressão feliz, fixa o céu. Ela ouve-o assoviar uma melodia, absorto nos seus pensamentos, quando começa a atravessar a floresta a caminho da pequena enseada onde o barco se encontra ancorado.

Antes de continuar, detém-se alguns segundos para vestir a parte de cima do biquíni.

Quando sobe para bordo, pergunta-se se Viola ainda estará a dormir no camarote. Tem a intenção de pôr a panela ao lume com as batatas novas e alguns ramos de aneto antes de ir tomar duche e mudar de roupa. Estranhamente, o convés está molhado como se tivesse havido um aguaceiro; Viola deve tê-lo lavado por alguma razão. Penélope tem a sensação de o barco estar diferente, não sabe muito bem definir porquê,

mas de um momento para outro sente um arrepio. De súbito, os pássaros deixam de cantar e cai um silêncio quase absoluto; apenas se ouve o chapinhar da água contra o casco e o surdo rangido da corda atada à volta da árvore. Inesperadamente, Penélope toma consciência dos seus próprios movimentos. Desce a escada que leva à popa e vê a porta do camarote dos hóspedes aberta. A luz do candeeiro está acesa, mas Viola não se encontra ali. Penélope nota que a sua mão treme quando bate à porta da pequena casa de banho. Abre-a, olha à sua volta e volta a subir para o convés. Ao longe, vê Björn a meter-se na água. Faz-lhe sinal com a mão, mas ele não a vê.

Penélope abre as portas envidraçadas do salão, passa pelos sofás azuis, pela mesa de teca e pela cabine do leme.

– Viola? – chama ela baixinho.

Desce para a cozinha, tira uma panela do armário, mas larga-a em cima do fogão quando sente a pulsação acelerar. Dá uma rápida vista de olhos à casa de banho grande e continua a andar para o camarote na proa onde ela e Björn costumam dormir. Abre a porta, percorre o espaço mal iluminado com o olhar e ao princípio pensa que se está a ver a si própria reflectida no espelho.

Viola está sentada na borda da cama, imóvel, com uma mão apoiada na almofada cor-de-rosa comprada numa loja de artigos em segunda mão.

– O que estás a fazer aqui dentro?

Penélope ouve a sua própria voz a perguntar à irmã o que está a fazer no camarote, apesar de já ter percebido que alguma coisa não bate certo. Viola está pálida, com o rosto baço e molhado, o cabelo empapado e desgrenhado.

Penélope aproxima-se, segura na cara da irmã com as mãos, geme baixinho e, de seguida, grita, com o rosto encostado ao dela:

– Viola! O que aconteceu? Viola!

Percebe o que está mal: não se sente qualquer respiração no corpo da irmã, a sua pele não irradia calor; não há nada que reste nela, a chama da vida está apagada. O espaço reduzido do quarto escurece, aperta-se à volta de Penélope. Com uma voz que não reconhece, torce-se em gemidos e tropeça para trás, atira a roupa para o chão, o ombro choca com força no umbral da porta. Dá meia-volta e corre pela escada acima.

Quando chega ao convés, tenta recuperar o fôlego, como se estivesse a ponto de se afogar. Tossindo e arquejando, olha à sua volta com o terror

gélido a alastrar-se dentro do corpo. Na praia, cem metros mais à frente, vê um homem estranho de roupa preta. De alguma maneira, Penélope compreende como tudo se enquadra: ela sabe que se trata do mesmo homem que viu no barco militar na penumbra, debaixo da ponte; o mesmo que lhe virou as costas quando eles passaram. Percebe que foi aquele homem vestido de negro quem matou Viola e que ainda não terminou.

O homem está na praia a acenar em direcção a Björn, que nada a uns vinte metros de terra, chama por ele e levanta o braço. Björn ouve-o e pára de nadar, mantém-se a boiar e procura a terra com o olhar.

O tempo parece ter-se detido. Penélope lança-se em corrida para a cabine do leme, remexe na gaveta das ferramentas, encontra uma faca com cabo de plástico e corre de volta para o convés.

Ela vê como Björn nada a braçadas lentas, vê os anéis de água à sua volta. Ele olha para o homem com uma expressão intrigada. O homem faz-lhe sinal para se aproximar, insiste que ele venha. Björn mostra um sorriso hesitante e começa a nadar para a praia.

– Björn! – grita Penélope a plenos pulmões. – Afasta-te da praia!

O homem em terra vira-se na sua direcção e começa a correr para o barco. Penélope corta a corda, escorrega no convés de madeira molhado, levanta-se, entra aos tropeções na cabine e liga o motor. Sem olhar para trás, iça a âncora e, ao mesmo tempo, mete a marcha-atrás.

Björn deve tê-la ouvido, porque se afastou da praia e agora está a nadar para o barco. Penélope dirige o iate na sua direcção, ao mesmo tempo que repara que o homem mudou de direcção e corre, encosta acima, para o lado oposto da ilha. Percebe que o seu perseguidor ancorou o seu barco de borracha preto na enseada norte.

Ela sabe que não há a mínima hipótese de andar mais depressa do que ele.

O barco pesado faz um ruído surdo e prolongado quando Penélope dá a volta em direcção a Björn. Ela grita-lhe, aproxima-se, reduz a velocidade e estende-lhe o croque. A água está fria. Björn parece assustado e exausto; a sua cabeça desaparece constantemente debaixo da superfície. Sem querer, Penélope magoa-o com a ponta do croque, a testa começa a sangrar-lhe.

– Agarra-te! – grita ela.

O barco de borracha preto já começou a rodear a ilha; ela ouve o som inconfundível do motor. Björn faz um esgar de dor e, após várias

tentativas, acaba por conseguir prender o braço à volta do croque. Penélope puxa-o tão depressa quanto pode para a plataforma de mergulho e ele agarra-se à borda. Sem querer, Penélope deixa cair o croque e vê-o a afastar-se na água.

– A Viola está morta! – grita e ouve o desespero e o pânico a misturarem-se na sua voz.

Logo que Björn consegue agarrar-se-se com firmeza à escada, ela corre para a cabine do leme e acelera a fundo.

Björn sobe a amurada e ela ouve-o a gritar que se dirija em linha recta para a ponta da ilha de Ornäs.

O som ensurdecedor dos motores do barco de borracha aproxima-se atrás deles.

Ela gira num ângulo apertado, ouvem-se estrondos debaixo do casco.

– Ele matou a Viola – geme Penélope.

– Cuidado com as rochas submersas – adverte Björn a tiritar.

O barco de borracha já rodeou a ilha de Stora Kastskär e ganha velocidade no mar aberto e plano.

O sangue escorre pelo rosto de Björn.

Aproximam-se rapidamente da ilha grande. Björn vira-se, vê o barco de borracha talvez a uns trezentos metros de distância.

– Para o embarcadouro!

Ela vira, mete a marcha-atrás e quando desliga o motor a proa choca contra o embarcadouro com um rangido. O costado roça contra uma escada de madeira molhada. As ondas agitadas abatem-se sobre as rochas e logo retrocedem. O iate inclina-se para o lado, a escada desfaz-se em estilhaços; a água transborda a amurada. Björn e Penélope abandonam o barco e sobem para o molhe. Atrás de si ouvem como o costado range quando balança contra o paredão. Precipitam-se para terra enquanto o barco de borracha se aproxima com os motores a rugir. Penélope escorrega, apoia-se com a mão e começa a subir ofegante a praia inclinada em direcção à vegetação. Os motores do barco de borracha silenciam-se, e Penélope sabe que o avanço deles é insignificante. Ela e Björn correm por entre as árvores, penetram no bosque, ao mesmo tempo que os seus pensamentos voam em pânico e o olhar procura um lugar onde se possam esconder.